



CONCEPÇÕES DOCENTES SOBRE A PRÁTICA COM A INFÂNCIA CONTEMPORÂNEA

Bianca Ferreira Rocha¹

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo discutir a concepção dos professores, que lecionam no Ensino Fundamental de uma escola pública de Belo Horizonte, sobre sua prática com a infância contemporânea. Para que os objetivos propostos neste trabalho fossem alcançados foi realizada uma pesquisa de base qualitativa com busca de dados teóricos e empíricos. A coleta de dados em campo foi realizada por meio da entrevista semi-estruturada com quatro professoras que lecionam no ensino fundamental de uma escola da rede municipal de Belo Horizonte. Os dados foram analisados a partir da análise de conteúdo. Observou-se que a concepção de infância apresentada pelas professoras está pautada na imagem de inocência, ingenuidade e imaturidade. Portanto, é possível considerar que a socialização das crianças, bem como seus comportamentos, brincadeiras e interações modificaram não se apresentando mais do mesmo modo que na modernidade. Desse modo, esta pesquisa buscou elucidar como as transformações vivenciadas no mundo contemporâneo se fazem presentes no âmbito escolar. Entender a concepção das professoras acerca da sua prática com a infância na contemporaneidade permite descortinar o véu que recai sobre o âmbito das práticas educativas, e quais são os pontos que se fazem necessários avançar para que se tenha uma educação de qualidade e que considere a diversidade de sujeitos. Assim sendo, discutir acerca das concepções que os professores têm sobre sua prática frente a infância na contemporaneidade, nos permite entender mais sobre como a infância é vista e trabalhada no contexto escolar e quais as práticas educativas são privilegiadas nesse espaço.

PALAVRAS-CHAVE: Infância; Contemporaneidade; Prática docente.

1 INTRODUÇÃO

Estudar a infância nos tempos atuais tem se tornado um grande desafio para os pesquisadores, uma vez que as mudanças na sociedade contemporânea são rápidas, o individualismo está mais presente e o estímulo ao consumo se faz cada vez mais imperante. Todos entram nessa lógica, imersos em uma sociedade que estimula o individual em detrimento do coletivo. Nesse contexto social a infância também vem sofrendo alterações, de modo que as crianças já não são vistas e nem se comportam como em outras épocas (POSTMAN, 1999). Tais questões referentes às mudanças no campo da infância são discutidas e sentidas em diferentes âmbitos da sociedade, sendo a escola um deles. Frente a isso é preciso pensar as instituições educativas, bem como suas práticas, de modo que estas não se afastem do funcionamento da sociedade contemporânea e dos assuntos cotidianos.

As imagens das crianças criadas ao longo da história influenciaram o cotidiano das práticas dos profissionais que trabalham com elas (SMOLKA, 2002). Portanto, conforme afirma Castro (1998), entender e estudar a infância no campo educativo, tendo como parâmetro a concepção dos professores sobre a sua prática, permite conhecer os significados atribuí-

¹ Psicóloga formada pela PUC Minas, Mestre em Psicologia Social pela UFMG, Especializanda em Saúde do Adolescente pela UFMG, atua na Secretaria de Segurança Pública, com medidas socioeducativas, no campo das políticas públicas de segurança. biancaroch@yahoo.com.br

dos à infância articulando-os com as representações que se relacionam com os diferentes momentos da existência no imaginário social. Para isso, é preciso inicialmente pensar no estatuto de sujeito que estamos discutindo, para então refletir sobre as questões que envolvem a constituição da infância (SMOLKA, 2002). É necessário ainda elucidar como e quando a infância ganha um estatuto diferenciado, uma vez que ela não foi vista e tratada da mesma forma ao longo da história.

Nesse âmbito Ariès (1981) se destaca dentre os estudiosos que se dedicaram a entender a história da infância. A sua análise se baseou em pinturas que representavam crianças e nas quais ele buscou descrever como a infância foi apresentada ao longo do tempo, bem como as mudanças e as características que se fizeram presentes na infância em diferentes épocas. O autor apresenta em sua teoria que as crianças eram representadas como adultos em miniatura na arte medieval e que estas só terão semelhança com as crianças da modernidade no século XIII.

O conceito de infância se desenvolverá em um contexto no qual a instrução era mais valorizada e onde havia mais escolas. Pode-se destacar então que a existência da infância será reconhecida depois dos séculos XVI e XVII, isso porque houve a separação do mundo das crianças e dos adultos, pois se tinha a crença de que estas apresentavam natureza e necessidades diferentes (POSTMAN, 1999), fato que foi se desenvolvendo na modernidade (SOUSA, 2012).

Com o surgimento de um modelo de infância, a família moderna também começa a tomar forma. A exigência de que as crianças fossem cuidadas e educadas pelos seus pais levou-os a serem guardiães de seus filhos, sendo forçados a viver o papel de educadores (POSTMAN, 1999). As novas relações estabelecidas entre pais e filhos influenciaram os comportamentos dos adultos que passaram a ver as crianças de uma nova forma, com mais amor e cuidado. Os pais passaram a ser acusados de ser complacentes com os filhos. O temor que se tinha frente a esse comportamento era de que a educação que estava a cargo só dos pais trouxesse consequências nefastas para as crianças. Em resposta a esse temor é criado no século XVIII o sistema educativo, que ficará a cargo da Igreja e do Estado (GÉLIS, 1991).

Nesse contexto educacional foram escritos livros seriados, as classes escolares foram organizadas e os professores inventaram os estágios da infância. Essa criação de uma hierarquia de conhecimentos e habilidades levou os adultos a inventarem uma hierarquia do desenvolvimento infantil (POSTMAN, 1999).

Na modernidade a infância ganha outros contornos e passa a ser vista sob a ótica da inocência e ingenuidade, sendo o adulto por outro lado, aquele que é dotado de razão

(CASTRO, 2001). Nesse contexto apresenta-se as diferenças entre adultos e crianças que permeiam a lógica das relações sociais na modernidade. Posto isto, cabe ressaltar entretanto, que as crianças, assim como os adultos, participam das transformações sociais e vivenciam estas transformações.

Com as mudanças ocorridas nas relações familiares no século XX, além da importância que hoje é dada às mídias de massa e às novas tecnologias, o processo de socialização primária das crianças também se alterou. No que diz respeito às mídias, embora não se possa dizer que elas substituíram as intersubjetividades, a criatividade e autonomia, percebe-se que fornecem imagens, símbolos, valores que são apropriados e elaborados pelas crianças criando novas culturas de pares.

Na atualidade presenciamos mudanças significativas nas relações sociais. Autores como Lipovetsky (2005) e Bauman (2007) propõem que se evidenciam mudanças com relação à modernidade, aparecendo de forma mais presente o consumismo e o individualismo, que serão responsáveis pela forma como os indivíduos se relacionam e como as sociedades se organizam. A oferta de produtos cada vez mais abundante promete a felicidade por meio do consumo e da obtenção de objetos que tornarão os sujeitos singulares, estimulando-os a serem cada vez mais individualistas. As ações voltadas para o consumo se referem a uma série de atitudes e estratégias, disposições cognitivas e julgamentos de valor sobre os caminhos do mundo e as formas de percorrê-los, as visões de felicidade e como persegui-la (BAUMAN, 2007). Assim, a era do consumismo se revela como um agente de personalização, com o intuito de responsabilizar os indivíduos pelas próprias escolhas e pelas mudanças em seu modo de vida. Há que se acrescentar ainda que na sociedade de consumo o hedonismo fica de um lado e a informação do outro – o indivíduo pode gozar a vida, mas também deve se manter informado e cuidar da própria saúde. Assim há um novo tipo de socialização racional do indivíduo pelo imperativo de se informar e de administrar a si próprio (LIPOVETSKY, 2005).

Essa nova organização social tem impacto na constituição da infância e, de acordo com Postman (1999), na atualidade a infância está desaparecendo. Para o autor um dos fatores está relacionado ao desaparecimento da criança na televisão, pois elas são representadas como adultos em miniatura, não se diferenciando significativamente no que diz respeito aos seus interesses, roupas ou sexualidade, semelhante as pinturas do século XIII e XIV.

A infância apresenta várias faces que estão ligadas a sua vida escolar, familiar, as suas atividades de socialização e brincadeiras e uma face que tem se feito presente hoje em dia que é de consumidora. Desse modo, hoje se torna presente o sentimento de que a infância, bem como a adolescência, escapam às formulações teóricas elaboradas pela psicologia e educação

que embasam suas práticas no cuidado, orientação e educação. Além disso, as diferentes teorias nem sempre conseguem dar conta das variedades da contemporaneidade, época esta marcada por novos aspectos como o consumo em massa, viver em uma grande cidade, expansão da comunicação, tecnificação, informatização. As crianças passam a circular em espaços diferenciados, possibilitando novas sociabilidades, vão ficando cada vez mais restritas a lugares fechados com os amigos e com alguns adultos (CASTRO, 1998).

Há ainda que se considerar que as crianças assim como os adultos têm agora uma nova circulação na cidade e uma nova subjetividade. A nova circulação que se instaura na sociedade contemporânea ajuda a pensar a infância como um novo ator, um elemento da cadeia geracional que se insere e participa da construção coletiva do mundo (CASTRO, 2001).

A partir do contexto até aqui apresentado, o presente trabalho teve o objetivo de discutir a concepção dos professores sobre sua prática com a infância contemporânea que lecionam no Ensino Fundamental de uma escola pública de Belo Horizonte. Para isso foi realizada uma pesquisa de base qualitativa com busca de dados teóricos e empíricos. A coleta de dados em campo foi realizada por meio da entrevista semi-estruturada com quatro professoras. Os dados foram analisados a partir da análise de conteúdo. Observou-se que a concepção de infância apresentada pelas professoras está pautada na imagem de inocência, ingenuidade e imaturidade.

Portanto, é possível considerar que a socialização das crianças, bem como seus comportamentos, brincadeiras e interações estão modificadas não se apresentando mais do mesmo modo que na modernidade. Entender a concepção das professoras acerca da sua prática com a infância na contemporaneidade permite descortinar o véu que recai sobre o âmbito das práticas educativas, e quais são os pontos que se fazem necessários avançar para que se tenha uma educação de qualidade e que considere a diversidade de sujeitos.

A prática docente com a infância contemporânea

Ao pensar a constituição da infância na contemporaneidade no espaço escolar é preciso considerar como essa instituição se organiza e lida com as mudanças que se lhe apresentam cotidianamente. As transformações ocorridas no mundo contemporâneo como a globalização do mercado, revolução na comunicação, transformação nos meios de produção e alteração de valores e atitudes faz com que a educação tenha que se reformular (LIBÂNEO, 1997). Os avanços tecnológicos, a globalização que provoca mudanças nos modos de produção e nas relações, as mazelas sociais, como violência e a desigualdade social trazem novos desafios a

escola e ao papel que esta desempenha na formação humana. A escola enfrenta novos paradigmas tendo que se comprometer com as crianças que estão se constituindo enquanto sujeitos singulares que são resultantes de relações multiculturais do seu meio, das suas convivências e das experiências que têm acesso (COHÉN; FIGUEIREDO, 2012).

A crise presente na escola hoje está mais ligada ao descompasso entre as práticas escolares e as rápidas modificações espaciais e temporais. Veiga-Neto (2003, p. 109) aponta a necessidade de "pensar a educação escolarizada como um conjunto de práticas indissoluvelmente ligadas às demais práticas sociais, de modo que pensar qualquer mudança no âmbito da escola implica pensar como as coisas estão se passando no âmbito da sociedade." Ainda podemos acrescentar o que Martins e Castro (2011, p. 632) propõem:

[...] as instituições educativas tampouco podem se afastar do funcionamento contemporâneo e dos assuntos cotidianos como se isso não fizesse parte do mundo em que vivemos, sob pena de os conhecimentos gerados não fazerem sentido para aqueles que fazem parte delas. A escola perde seu sentido, tanto quando se constrói totalmente como mais um objeto de satisfação, quanto quando se afasta completamente da realidade cotidiana de seus alunos. O caminho talvez seja se aproximar, sem ficar à mercê, e isso só seria possível com uma proposta de reflexão e de crítica permanentes.

É importante considerar que a escola não está aí para dar respostas para o mundo, não existe uma separação entre o mundo e a escola, existe sim uma escola que está implicada com o mundo no sentido mais profundo até do que é este mundo. A escola não deve só usar tecnologia como recurso didático, tal redução revela um apego ao que consideram como velha e boa escola moderna, nesse pensamento as novas tecnologias são pensadas como recursos incorporados as práticas pedagógicas (VEIGA-NETO, 2003).

Logo, necessário se faz discutir sobre a concepção que norteia as práticas dos professores com a infância na contemporaneidade, para melhor entender como a educação se constitui nos dias atuais. Este profissional precisa estar atento as mudanças ocorridas no âmbito social e principalmente com os sujeitos do aprendizado para que possa ser cuidadoso com a sua prática cotidiana.

[...] os adultos que fazem parte da vida social de crianças têm o papel fundamental de mediar essas leituras mais amplas, incentivando-as e preparando-as para a compreensão crítica da realidade. Consideramos o papel da escola na infância e a prática mediadora do professor de educação infantil como possíveis alternativas na formação do pensamento infantil e que resultem em ações de superação da lógica de padronização e governamento via a cultura consumista. (OLIVEIRA, 2012, p. 13).

Nesse contexto Sacristán (1995) aponta que para contextualizar a prática docente é preciso considerar a base social implícita a essa profissão.

O ensino é uma prática social, não só porque se concretiza na interação entre professores e alunos, mas também porque esses actores reflectem a cultura e contextos sociais a que pertencem. A intervenção pedagógica do professor é influenciada pelo modo como pensa e como age nas diversas facetas da sua vida. (SACRISTÁN, 1995, p. 66).

As práticas educativas ainda apresentam um caráter antropológico pois, geram uma cultura com base em costumes, crenças, valores e atitudes. Apresenta também um caráter histórico que não parte de um conhecimento prévio, mas sim gera cultura intelectual. Assim sendo, realçar a existência de uma cultura sobre o pedagógico é importante para entender que toda a cultura que rodeia a prática educativa constitui uma competência distribuída socialmente (SACRISTÁN, 1995).

Os professores atualmente sofrem com questões que promovem a relação da sua formação com a sua prática, são pouco capacitados para as questões tecnológicas e para as exigências do mundo contemporâneo. Soma-se a isso a precariedade do trabalho e o fato destes serem difusores da cultura e ao mesmo tempo consumidores acríticos desta. Deve-se considerar também questões referentes a gestão da educação que tem repercussão no trabalho dos professores e nas questões pedagógicas vivenciadas dentro da escola (LIBÂNEO, 1997).

No que se refere aos problemas enfrentados pelos professores na atualidade, Esteve (1995) elenca vários fatores responsáveis pela mudança da educação que tem impacto no trabalho do professor. Inicia dizendo que é exigido do professor muitas atividades em sala de aula que não foram contempladas na sua formação, assim, estes lidam como uma realidade e exigências de tarefas que ultrapassam as suas competências. Somado a isso ainda há uma inibição educativa de outros agentes de socialização, como por exemplo, a família que tem sofrido muitas mudanças.

Há ainda que considerar as mudanças que se operam no mundo das crianças, pois estas possibilitam entender os desafios do trabalho docente. Atualmente muito se fala sobre a educação como meio de transformação social. Mas para se ter este tipo de transformação necessário se faz ter um perfil de homem participativo, além disso, é preciso refletir sobre a educação e o modelo de escola neste processo de mudança (VIEGAS; OSÓRIO, 2007). Portanto, se faz importante entender e estudar como os professores concebem as crianças para que possamos refletir sobre a forma como estas são socializadas. As escolas precisam “de trabalhadores cada

vez mais reflexivos, criativos, responsáveis, autônomos – e, também, de consumidores cada vez mais informados e críticos” (CHARLOT, 2008, p. 21).

Nesse mesmo sentido de acordo com Charlot (2008), as escolas apresentadas como modelo de sucesso são aquelas com professores que promovem inovações. Ao silenciar o professor normal o que acontece são estratégias de sobrevivência e este não se oporá às mudanças, mas sim reinterpreta-la-as de acordo com as suas estratégias de sobrevivência. A questão da aprendizagem nesse contexto acaba sendo apontada sobre duas vertentes ou o aluno não aprende porque é burro, ou a professora não sabe ensinar. Nessa conjuntura gera-se uma tensão que pode se configurar como um conflito entre professor e aluno, uma vez que o que está em jogo não são somente questões pedagógicas, mas também pessoais.

Necessário se faz que a educação crie espaços nos quais seja possível buscar o reconhecimento do outro e de suas diferenças, além de possibilitar às crianças experiência crítica. É preciso desse modo, criar experiências de educação e socialização que proporcione práticas solidárias entre crianças, jovens e adultos, ações coletivas e de sentimento de pertencimento (KRAMER, 2003).

Ainda cabe ressaltar, conforme expõe Charlot (2008), que na sociedade contemporânea estar bem na escola reflete no futuro profissional, de modo que cai sobre o professor a responsabilidade pelas más notas dos seus alunos. Os professores tradicionais sempre se dizem construtivistas, pois assim são valorizados. O que ocorre é que mesmo os professores querendo ser construtivistas muitas vezes são pressionados pela própria escola que segue o modelo tradicionalista, criando empecilhos para que eles possam desenvolver um trabalho inovador. O professor rotulado como tradicional é aquele que privilegia a disciplina, o respeito, a polidez lhe dando a fama de severo. Contudo, desprezar essa postura pedagógica é paradoxal pois na sociedade contemporânea esses pontos são cobrados da escola.

As professoras estão preparadas para educar a infância no século XIX – ingênua, dependente dos adultos, imatura e necessitada de proteção – enquanto suas salas de aula estão repletas de crianças do século XXI – cada vez mais independentes, desconcertantes, erotizadas, acostumadas com a instabilidade, a incerteza, e a insegurança (COSTA apud MOMO, 2007, p.118).

Para que se prime por uma educação básica de qualidade, a escola e os professores devem desenvolver um trabalho que busque uma formação geral e uma preparação tecnológica; forme cidadãos críticos comprometidos com a justiça e mudança social; prepare os alunos para a participação social, desenvolvendo em seus alunos competências ligadas a tomada de decisões, de iniciativa, liderança; e formação ética, de alunos que sejam capazes de dialogar e

consenso baseado na razão crítica, de pensar-se em relação aos outros, de estabelecer relações com objetos e pessoas, desenvolver autonomia e indivíduos que reconheçam as regras e normas sociais (LIBÂNEO, 1997).

Ademais, a concepção dos professores sobre sua prática com a infância permite entender um pouco mais sobre as possibilidades de se viabilizar uma formação que tenha como intuito que os sujeitos se tornem mais críticos e ativos frente a sociedade.

METODOLOGIA

O estudo acerca da concepção dos professores do Ensino Fundamental sobre sua prática com a infância contemporânea foi pautado em bases qualitativas com busca de dados teóricos e empíricos. Os dados obtidos no campo foram coletados em uma Escola Municipal que atende alunos do Ensino Fundamental que está situada na região Nordeste de Belo Horizonte. O método de coleta de dados utilizado foram as entrevistas semiestruturadas realizadas com quatro professoras. A entrevista abordou questões referentes às concepções das professoras acerca da sua prática com a infância nos dias atuais.

As entrevistas semiestruturadas se fizeram importantes por possibilitarem um maior detalhamento acerca das vivências dos sujeitos ao privilegiar a sua fala, permitindo desse modo, conhecer como estes percebem o mundo, uma vez que é através do seu discurso que se torna acessível a compreensão da realidade humana (FRASER; GONDIM, 2004), sendo possível assim, entender como as professoras concebem a infância em suas práticas.

Os dados coletados nas entrevistas foram submetidos à análise de conteúdo (BARDIN, 2004), pois esta análise possibilita identificar unidades comuns de associações de ideias ligadas ao tema pesquisado.

A partir da análise das entrevistas foi possível entender a concepção que as professoras apresentam sobre a infância nos dias atuais. Os temas surgidos nas respostas dadas pelas professoras se referem à infância do seu tempo, infância vivenciada por elas, e nos dias atuais, reforçando deste modo as mudanças na infância e entre estas mudanças, o individualismo e o consumismo. Há ainda menção a escola e sua organização e as relações que as crianças estabelecem com a instituição de ensino. Dentro do âmbito escolar elas ainda fazem referência à prática docente e apresentam também as suas experiências em uma perspectiva histórica se remetendo ao início da sua prática e aos dias atuais. Estes elementos possibilitaram entender a concepção que as professoras apresentam sobre os dois temas centrais da pesquisa, a prática docente e a infância contemporânea.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa contemplou a participação de quatro professoras que têm entre 25 e 51 anos e têm entre 8 meses e 27 anos de profissão. A partir da vivência das professoras que têm muitos anos de profissão foi analisada a concepção docente sobre a infância desde o momento que iniciaram até os dias atuais. Além disso, foi possível comparar a perspectiva dessas professoras com àquelas que têm menos experiência, evidenciando assim diferentes concepções acerca da prática docente com a infância contemporânea.

No que se refere à formação acadêmica, as professoras têm percursos acadêmicos bem diferenciados, sendo duas formadas em Pedagogia, uma em Normal Superior e uma em Psicologia, três delas têm pós-graduação voltada para a temática de alfabetização e letramento. A faixa etária dos alunos com quem já trabalharam também é abrangente, as entrevistadas já trabalharam com alunos do berçário até alunos de 11 anos. Tal fato possibilitou a construção de uma visão mais abrangente do período da infância.

Os temas surgidos nas respostas das professoras se referem à infância do seu tempo, e à infância dos dias atuais, reforçando deste modo as mudanças na infância. Há ainda menção à escola e sua organização e às relações que as crianças estabelecem com a instituição de ensino. Dentro do âmbito escolar elas fazem referência à prática docente e apresentam também suas experiências em uma perspectiva histórica se remetendo ao início da sua prática e aos dias atuais. Os temas apresentados pelas professoras foram separados em dois tópicos que se referem às concepções das docentes sobre a infância e sobre a sua prática.

Infância na concepção das professoras: ontem e hoje

A análise das entrevistas revelou que as professoras apresentaram uma concepção de infância que tem como característica a ingenuidade, a imaturidade e a inocência, período em que se está em processo de formação e desenvolvimento cognitivo e físico, importante para as próximas fases da vida. Dentro desta perspectiva elas destacam também a questão do crescimento como outro fator que faz parte dessa fase da vida, que é destacada por ser a primeira fase. Esse período também é marcado pelo momento em que as crianças podem desfrutar da brincadeira, exploram mais o ambiente, vivenciando tempos de aprendizagem e de socialização. Quando questionadas sobre o que entendiam por infância responderam:

[...] é a imaturidade, aquela vontade mesmo de aprender né, na sua grande maioria, é a busca de explorar o ambiente onde ele tá em todos os sentidos né querer saber o que está acontecendo, como que as coisas são. Então é acho que essa é a característica principal né o crescimento. (PROFESSORA 2).

É inegável que a infância passou por mudanças sensíveis acompanhando a contemporaneidade. Há desse modo, a constituição de diferentes saberes sobre a infância o que implica em ter que se reconhecer que ela é uma construção elaborada para e pelas crianças. Portanto, deve ser contextualizada, não havendo uma infância universal e natural (ANDRADE, 2010). No entanto, o que está em jogo na concepção das professoras é a ideia de uma infância natural, a qual tem características fixas e iguais para todas as crianças, não levando em consideração as mudanças históricas e sociais.

*É nessa tensão que encontramos a criança como produção humana. Produção certamente orgânica, biológica. Mas não meramente (re)produção da espécie. Produção fundamentalmente simbólica e discursiva. Nomear a criança, conceituar a infância, ou teorizar sobre o desenvolvimento... faz parte de um gesto de conhecimento tornado possível pela produção de significação característico do próprio *Homo - Faber, Symbolicus, Duplex* (SMOLKA, 2002, p.124).*

Assim sendo, entendendo que os discursos são produções culturais, as concepções das professoras acerca da infância podem ser contextualizadas.

Para entender acerca da infância contemporânea as professoras foram questionadas sobre como enxergavam esta nos dias atuais. Para elas aconteceram muitas mudanças fazendo com que as crianças se apresentem de modo “adultizado”, vivenciando situações que não condizem com a sua idade e, portanto, não estão maduras o suficiente para experimentar as atuais mudanças pelas quais a sociedade está passando. Nesse âmbito algumas questões aparecem: a questão da sexualidade se faz presente; as novas tecnologias que transformam as brincadeiras; a violência e as mudanças no contexto familiar. Frente a isso uma professora expõe o que está ocorrendo com as crianças:

Eu acho que ela tá muito, eles tão perdendo esse período da infância, esse período da inocência, eles estão ficando adultos precoces, aliás eles estão tendo contato com coisa que não deveriam ser da idade, como por exemplo, coisas relacionadas a sexualidade. (PROFESSORA 3).

Assim, pode ser dito também que a formação das professoras ainda tem como referência a concepção de infância que não se atém a realidade das crianças que chegam a escola no século XXI, uma vez que ainda apresentam ideias próximas daquelas apresentadas no século XIX e XX (MOMO, 2007), na qual as crianças eram vistas como inocentes e puras e deviam

ser separadas do mundo adulto. E é essa infância que as professoras apontam como aquela que as escapa, conforme propõe Dornelles (2005), uma vez que o saber que se tem acerca da infância moderna escapa diante das crianças que se apresentam hoje.

Pode ser feita ainda uma leitura acerca dessa ideia da “adultização” da infância a partir da construção proposta por Postman (1999). O autor discute que agora temos uma classe diferente de sujeito que seria do adulto-criança, sugere então, que as fronteiras entre as duas categorias estão diminuindo. Sem um conceito claro do que é ser um adulto não pode haver um conceito claro do que é ser uma criança.

Dessa forma, as professoras veem o mundo infantil como um mundo invadido, deixando as crianças muitas vezes perdidas e obrigando-as a amadurecerem de modo rápido. Assim sendo, as mudanças atuais fazem com que as crianças passem mais tempo sozinhas, utilizando jogos eletrônicos e deficientes da educação e presença dos pais.

Pra você ver, vê em casa, a televisão tá aí a todo momento invadindo as casas, as crianças ficam sozinhas em frente ao computador né? Então, antigamente não tinha isso, era só, eu muito mais, o universo infantil era muito mais rico. (PROFESSORA 4).

Para as professoras houve grandes mudanças e por vezes a perda de características que julgavam importantes, entre estas mudanças está o brincar, o respeito aos mais velhos e a inocência. Nesse sentido elas concebem que houve sensíveis mudanças no mundo infantil e que muitas vezes não são vistas de forma positiva. Portanto, pode-se afirmar que os discursos acerca da infância ultrapassam as antigas instituições modernas, escola, igreja, família, ganhando novos contornos e discursos de acordo com as mudanças vivenciadas na contemporaneidade.

Concepção dos professores sobre a prática docente com a infância de hoje

A infância sofreu sensíveis mudanças com o passar do tempo e as professoras reconhecem tais mudanças se referindo aos comportamentos e as relações sociais diferenciadas que as crianças estabelecem. Diante destas mudanças elas relatam como sua prática docente também sofreu alterações no que diz respeito a relação que tinham com as crianças, apontam a inversão de valores e a falta de apoio das famílias como fatores responsáveis por estas alterações. Frente a isto, as professoras precisaram repensar sua prática para melhor trabalhar com as crianças de hoje.

Se eu for olhar as crianças, antes elas eram no tempo que eu comecei, eu acho que a gente tinha mais domínio, eu acho que as crianças eram mais até respeitadas sabe, eu acho que o ensino era até, era melhor muitas coisas, eu acho que muitas coisas se aprendiam muito mais. Tem também hoje que tá muito no, tá solto, mais tranqüilo, isso que não tinha na educação de antigamente. (PROFESSORA 4).

No momento atual outra professora aponta qual deve ser a mudança dos professores para atuar dentro de sala de aula, pois a realidade que enfrentam hoje é do despreparo e da falta de formação.

É teria que ter uma mudança de postura, uma mudança de olhar sobre o que é ensinar e aprender hoje em dia né, tem que mudar a prática dele porque os alunos que chegam pra gente hoje dependendo do assunto ele sabe mais do que você, ele te da aula. Então você tem que tá atento a isso você tem que buscar ver qual que é o né, ali ver qual que é o interesse julgar isso com a necessidade deles que as vezes em outras áreas que as vezes é grande. Então assim é um desgaste muito grande para o professor, trabalhar numa sala de aula hoje em dia é muito desgastante. (PROFESSORA 2).

As teorias que as professoras conhecem sobre a infância e o que elas encontram e têm que fazer na escola pode aparecer de forma dissonante, pois o que pensam acerca da infância e a realidade com a qual se deparam muitas vezes não têm conexão.

As professoras se deparam com situações vivenciadas em sala de aula que têm dificuldades para lidar, pela falta de recursos pedagógicos e tecnologias apresentadas pelo campo da educação e com a concepção que as professoras apresentam da infância. Sobre a falta de recursos podemos dizer que atualmente o campo da educação tem sofrido mudanças precisando discutir e abrir as portas para que as questões contemporâneas façam parte do seu cotidiano.

Como propostas de mudança aparecem o trabalho com as famílias, buscando destas o apoio e intervenções que possam auxiliar na educação da criança. Além disso, o trabalho com projetos é apontado como um importante mecanismo pedagógico para discutir diferentes e atuais assuntos. Nesse sentido as professoras relatam que são importantes mudanças na sua prática para que esta possa melhor atender a infância atual.

Eu só acho que educadores hoje, professores, educadores eles tem que estar com um olhar amplo, aberto pra tudo que a gente vivencia dentro desse campo ou de outros pra que possa ajudar as crianças mesmo que elas estão mais precisando hoje em dia é de ajuda. Então é, se a gente não abre esse olhar a escola também não vai caminhar [...] E aí a gente quer corrigir isso dando curso pro professor, ótimo claro acho que quanto mais você puder aprender maravilha. Mas eu acho também que o professor ele tem que ampliar, se ele continuar dentro da sala de aula com aquele olhar de vinte anos atrás ele não vai dar conta de resolver essas questões não, né e aí a cada dia que passa ele vai ficar mais distante do aluno dele e menos ele vai conseguir resolver os problemas que a gente tem aí" (PROFESSORA 1).

Diante desse contexto é necessário pensar as mudanças no campo da educação para que a realidade da sala de aula, a realidade vivenciada pelas professoras, possa modificar, uma vez que elas mesmas refletem sobre as mudanças ocorridas na prática docente nos anos de experiência pelos quais passaram e percebem a necessidade de renovar conhecimentos e pensamentos.

Uma ponderação acerca da pedagogia e dos recursos pedagógicos utilizados se faz importante para que se possa pensar a prática docente. Nóvoa (1999) faz uma importante reflexão sobre esta questão ao afirmar que a Pedagogia é uma ciência que tem pouco respeito, seja por parte dos próprios pedagogos, do governo ou do campo de conhecimento da educação, mesmo muitos setores sociais utilizando o recurso pedagógico para diferentes tarefas. Frente a isso cabe o questionamento se a escola e a escolarização hoje devem utilizar a pedagogia convencional ou lançar mão de outros meios na educação que valorizem os diferentes recursos tecnológicos, midiáticos e didáticos.

Tal questionamento se faz presente nas falas das professoras que muitas vezes se veem em situações novas e que exigem conhecimentos e habilidades diferenciadas, pois as crianças já não são mais as mesmas de antes.

[...] hoje aí ao longo desses anos com as mudanças, com a inversão de valor né hoje em dia, cada dia que passa você lida com coisas que você nem imaginava que você ia lidar a dezoito anos atrás. Situações assim a cada dia é uma experiência né a cada dia é um flash né, é uma emoção nova né e muitas vezes uma emoção nova [...]. Que muitas vezes não é agradável não sabe. (PROFESSORA 2).

Assim o professor vive uma dualidade, pois se é rotulado como tradicional é porque privilegia a disciplina, o respeito, a polidez e ganha a fama de severo. Contudo, desprezar essa postura pedagógica é paradoxal, uma vez que na sociedade contemporânea esses pontos são cobrados da escola. "Não seria este o problema fundamental enfrentado por muitas professoras, na sala de aula contemporânea: disciplinar e estruturar crianças que vivem na cultura do prazer imediato e já não aguentam qualquer frustração?" (CHARLOT, 2008, p. 24).

Nesse sentido o professor deve desenvolver fontes de informação alternativas à escola no processo de aprendizagem, de modo que ele possa integrar o seu trabalho a estas novas fontes, tendo em vista as questões que a contemporaneidade coloca para a educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As crianças vivenciam as mudanças que ocorrem na contemporaneidade o que as leva a estabelecerem diferentes relações com os sujeitos e os objetos. Frente a esse cenário as professoras repensam sua prática dia-a-dia, intervindo e mediando diferentes situações em que o cotidiano do trabalho vai apresentando. A infância vai apresentando sinais de mudanças e que não são acompanhadas pelas concepções das professoras, uma vez que ainda utilizam como parâmetro de avaliação das crianças a sua própria infância. Aliada a essa concepção as práticas pedagógicas ainda não avançaram na complexidade que o trabalho com a infância contemporânea exige, deixando as professoras sem recursos de trabalho no cotidiano da sala de aula.

As práticas pedagógicas com a infância têm ligação com a concepção de infância apresentada pelas professoras, o que faz com que haja uma dissonância entre o que é proposto e o comportamento apresentado pelas crianças. Tais questões não são pensadas no âmbito educativo, mas são vivenciadas no cotidiano da sala de aula pelas professoras que precisam repensar e inventar sua atuação todo tempo. As concepções apresentadas pelas professoras sobre a sua prática revelaram as contradições que vivenciam em seu cotidiano ao se depararem com constantes mudanças na infância e a pouca discussão realizada no campo da educação acerca das possibilidades de atuação docente. Assim, as professoras acabam utilizando como recurso a conversa com as crianças para lidar com estas situações.

Ademais a infância na contemporaneidade vem apresentando diferentes formas de se comportar e de se relacionar com a cultura, o que coloca importantes questões para o campo da educação e para a atuação dos seus profissionais.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, L.B.P. **Educação infantil: discurso, legislação e práticas institucionais** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica. 2010.

ARIÈS, P. **Historia social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara. 1981.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 3.ed. Lisboa: Edições 70. 2004.

BAUMAN, Z. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2007.

CASTRO, L. R. **Infância e adolescência na cultura de consumo**. Rio de Janeiro: Nau Ed. 1998.

CASTRO, L. R. **Re-visitando a infância contemporânea: passagens, possibilidades e destinos**. In: Colóquio do LEPSI IP/FE-USP, 3. São Paulo. Anais eletrônicos. 2001. Disponível em:

<http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032001000300013&lng=pt&nrm=abn>. Acesso em: 10 abr. 2013.

CHARLOT, B. O professor na sociedade contemporânea: um trabalhador da contradição. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 17, n. 30, p. 17-31, jul./dez. 2008.

COHÉN, P. B.; Figueiredo, A. M. R. Infância e escola: a influência do processo de globalização. **ANAIIS 2º Simpósio em Educação em Ciências na Amazônia**. Manaus. 2012.

COSTA, M.V. **Sobre as contribuições das análises culturais para a formação dos professores do início do século XXI**. Educar, Curitiba, n. 37, p. 129-152, maio/ago, 2010.

DORNELLES, L.V. **Infância que nos escapam**: da criança na rua à criança cyber. Petrópolis: Vozes. 2005.

ESTEVE, J. M. Mudanças sociais e função docente. In: NÓVOA, A. **Profissão professor**. 2ed. Portugal: Porto Editora. 1995.

FRASER, M. T. D.; GONDIM, S. M. G. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v.14, n.28. 2004.

GUÉLIS, J. **História da vida privada 3**: da Renascença ao século das Luzes. São Paulo: Cia das Letras. 1991.

KRAMER, S. Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie. In: BAZÍLIO, L. C.; KRAMER, S. **Infância, educação e direitos humanos**. São Paulo: Cortez, 2003.

LIBÂNEO, J. C. Pedagogia e modernidade: presente e futuro da escola. In: FARACO, C. A.; GHIRALDELLI JUNIOR, P. **Infância, escola e modernidade**. São Paulo: Cortez; Curitiba: Ed. da UFPR. 1997,

LIPOVETSKY, L. **A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. São Paulo: Manole. 2005.

MARTINS, L. T.; Castro, L. R. **Crianças na contemporaneidade**: entre as demandas da vida escolar e da sociedade tecnológica. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 2 (9), pp. 619 - 634. 2011.

MOMO, M.; Costa, M. V. Crianças escolares no século XXI: para se pensar uma infância pós-moderna. **Cadernos de Pesquisa**, v.40, n.141, p.965-991, set./dez. 2010.

NÓVOA, A. Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas. **Cuadernos de Pedagogía** n. 286, dez. 1999.

OLIVEIRA, M.R.F. **Infância e a cultura do consumo na sociedade contemporânea**. VI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP - Campinas. 2012.

POSTMAN, N. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia. 1999.

SACRISTÁN, G. J. Consciência e acção sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: NÓVOA, A. **Profissão professor**. 2ed. Portugal: Porto Editora. 1995.

SANTOS, G. L.; Chaves, A. M. Proteção e promoção da infância: tensões entre coletivismo e individualismo no Brasil. **Interação em Psicologia**, v. 10, n. 1, p. 83-90. 2006.

SMOLKA, A L B. Estatuto de sujeito, desenvolvimento humano e teorização sobre criança. In: FREITAS, M C; KUHLMANN JR., M. **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez. 2002.

SOUSA, K.R.R. **Discutindo as escritas das infâncias contemporâneas**. XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. UNICAMP. Campinas. 2012.

VIEGAS, L. M. D. C.; Osório, A. M. N. A transformação da educação escolar e sua influência na sociedade contemporânea. **InterMeio**: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, Campo Grande, MS, v.13, n.26, p.92-115, jul./dez. 2007.

VEIGA-NETO, A. Pensar a escola como uma instituição que pelo menos garanta a manutenção das conquistas fundamentais da modernidade. In: COSTA, M. V. (org). **A escola tem futuro?** Rio de Janeiro: DP&A, p.103-126. 2003.